

HABITAT E MIRANTE DAS ARTES: UMA PERSPECTIVA DIALÉTICA SOBRE O PROBLEMA DA MORADIA SOCIAL NO BRASIL NA DÉCADA DE 1960

GUILHERME VENDRAMINI CUOGHI¹

MARIA BEATRIZ CAMARGO CAPPELLO²

RESUMO: Figuras ímpares no processo de disseminação da arte, da arquitetura, do urbanismo e demais campos intercomunicantes, as revistas nacionais especializadas somam importantes testemunhos históricos do desenvolvimento cultural e social do país, sobretudo/incluso o da moradia popular. O presente artigo trata da leitura e pesquisa histórica sobre o processo de formulação crítica da habitação social no Brasil na década de 1960 sob a perspectiva das revistas especializadas *Habitat* (1950-1965) e *Mirante das Artes* (1967-1968). A temática da habitação irá permear os artigos destas revistas mostrando e analisando as diferentes vertentes de discussão e atuação – tanto de arquitetos quanto de demais profissionais (jornalistas, artistas, intelectuais, etc.) – diante da urgência do problema da moradia social que aflora intensamente no país na década de 1960, em razão do grande aumento populacional. No processo de cruzamento comparativo, o escopo deste artigo irá perpassar por diversas questões que emergem das revistas *Mirante das Artes* e *Habitat* no contexto dos anos 1960 e que permanecem até hoje suspensas na discussão dos rumos da habitação social no Brasil.

Palavras-chave: Mirante das Artes, Habitat, revista de arquitetura, habitação social no Brasil, década de 1960.

¹Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela FAUeD (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) da UFU (Universidade Federal de Uberlândia). E-mail: gvcuoghi@gmail.com

²Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP, Professora adjunta da FAUeD (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo). E-mail: mbcappello@uol.com.br

HABITAT AND MIRANTE DAS ARTES: AN DIALECTICAL PERSPECTIVE ABOUT THE SOCIAL HOUSING PROBLEM IN BRAZIL IN DECADE OF 1960

ABSTRACT: Unique figures in the dissemination process of art, architecture, urban planning and other fields intercom, the specialized national magazines add important historical evidence of cultural and social development of the country, particularly the social housing. This article deals with the reading and historical research on the process of formulating critique of social housing in Brazil in the 1960s from a dialectical perspective of the specialized magazines *Habitat* (1950-1965) and *Mirante das Artes* (1967-1968). The subject of housing will permeate the articles of these magazines showing and analyzing the different strands of discussion and action – both as architects as other professionals (journalists, artists, intellectuals, etc..) – in front of the urgency of the problem of social housing that rises intensively in the country in the 1960s, in result of the large population increase. In the process of crossing comparison, the scope of this article will pervade several issues that emerge from magazines *Mirante das Artes* and *Habitat* in the 1960s context and that still today remain suspended in the discussion about the future of social housing in Brazil.

Keywords: *Mirante das Artes*, *Habitat*, architecture magazine, social housing in Brazil, decade 1960.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado do projeto de pesquisa *Mirantes das artes e arquitetura: uma perspectiva dialética nas revistas especializadas da década de 1960*³, um desdobramento da pesquisa maior intitulada *Arquitetura Moderna no Brasil e sua recepção nas revistas europeias e brasileiras (1945-1960)*.

Trata-se da análise, levantamento, digitalização, documentação e catalogação das revistas especializadas *Mirante das artes* (1967-1968) e *Habitat* (1950-1965) sob o panorama contextual da década de 1960, cujo levantamento do material textual e iconográfico visa tanto suprir o banco de dados existente no site do núcleo de pesquisa⁴ – para fortalecer os estudos realizados pelo núcleo e pelos pesquisadores na área de história da arquitetura e das artes – como também a análise dos textos, das obras arquitetônicas e das modalidades de expressão artística publicadas nas revistas para a elaboração da presente produção científica.

Diante dos inúmeros artigos que se desdobram nos periódicos estudados, o problema da habitação social, decorrente do aumento populacional do Brasil na década de 1960, é suscitado constantemente por intermédio da divulgação e discussão das políticas governamentais frente ao problema habitacional, da apresentação de propostas de intervenções, de opiniões e questionamentos levantados por arquitetos e demais profissionais (jornalistas, intelectuais, etc.) e da publicação de artigos de cunho teórico relacionados ou não com o caso específico da habitação nacional, mas que, de modo indireto, influenciam nas suas elucidações.

Assim, entende-se aqui que as revistas especializadas se transformam em importantes veículos para o desenvolvimento da moradia social e, portanto, testemunhas de seu processo histórico-crítico. Optando-se pela escolha dos artigos publicados julgados mais significativos – citados no corpo do artigo –, o processo discursivo deste trabalho se trata, então, da análise crítica da habitação no cenário nacional pela perspectiva das revistas *Mirante das Artes* e *Habitat* – a primeira fundada e dirigida pela arquiteta Lina Bo Bardi e a segunda por Pietro Maria Bardi.

³ PIBIC em consignação de bolsa da FAPEMIG fazendo parte de um Projeto de Pesquisa financiado pela FAPEMIG e CNPq, realizado em março de 2012 a fevereiro de 2013.

⁴ <http://www.nuthau.faued.ufu.br/>

2. MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho é resultado dos métodos desenvolvidos durante a pesquisa científica, que consiste no levantamento e catalogação – em banco de dados virtual – do material textual e iconográfico das revistas *Habitat* e *Mirante das Artes*, bem como na leitura e análise dos artigos publicados, concomitantes à pesquisa teórica complementar.

O levantamento das revistas especializadas *Mirante das Artes* e *Habitat* – e de todo o material textual e iconográfico nelas presente – consiste no rastreamento e na localização das mesmas em arquivos e bibliotecas nacionais para que, em seguida, seja feito o deslocamento até onde estas se encontram para sua digitalização e catalogação.

Para a inserção no banco de dados é feito, primeiramente, o tratamento das imagens levantadas para, posteriormente, estas serem inseridas no site do núcleo de pesquisa de modo sistematizado: por nome da coleção, volume, editores, ano de publicação, entre outras informações, e seu conteúdo – sumário, editoriais, eventos difundidos, textos teóricos, apresentação de projetos ou obras artísticas, sempre indicando autores e temas abordados.

A etapa teórica foi realizada em três momentos. Primeiramente, foi feita a leitura e fichamento de textos de arte, arquitetura e urbanismo relativos às décadas de 1930 à 1960, de teses relativas às revistas especializadas estudadas para propiciar uma melhor contextualização do panorama artístico, arquitetônico e urbanístico produzido e discutido nas revistas da mesma década e a análise de sua repercussão para, num segundo momento, realizar a leitura dos artigos publicados nas revistas. Por fim, a análise das publicações levou à constatação da discussão marcante na década de 1960 do problema habitacional no Brasil, resultando na pesquisa teórica dos artigos das revistas e de bibliografias complementares entorno deste tema para a elaboração do presente artigo científico.

3. DISCUSSÕES E RESULTADOS

Diante dos inúmeros artigos, notas e editais que se desenvolvem nos periódicos estudados, chama à atenção a recorrência dos assuntos que se referem aos problemas urbanos e sociais alavancados pelo aumento populacional vertiginoso que assolava as principais cidades do país na década de 1960, onde a habitação social e a proliferação do tugúrio aparecem como questão de urgência às atenções dos profissionais atuantes. A discussão que se segue parte então da reflexão inicial da habitação social na história da arquitetura nas décadas precedentes à de 60 e atravessa o conteúdo das revistas estudadas, dando continuidade à temática – seja por meio de discursos ou propostas frente ao problema. Assim, o que se assiste é o resultado das análises textuais do conteúdo das revistas que se somam como testemunho histórico do desenvolvimento da habitação social no cenário brasileiro.

3.1 Por uma habitação: uma breve introdução do tema da moradia social no processo histórico de arquitetura moderna a partir dos CIAM

A temática da habitação tem sido a grande divisora de águas para novas abordagens em arquitetura desde o início do século XIX. Primeiramente, regou o nascimento do movimento moderno, que via na precariedade das moradias e na necessidade de reerguer as cidades europeias arruinadas pela primeira guerra a urgência de sua reconstrução. A necessidade da habitação partia, então, da insuficiência de moradias pelo pós-guerra e da insalubridade das cidades, da estreiteza das ruas e estrangulamento dos pátios, que reverberavam no interior das moradias e alojamentos populares e nas vetustas residências, que em condições insalubres amontoavam-se famílias – os cortiços. É em resposta a esse contexto, portanto, que irão surgir análises, ideias e propostas de membros do movimento moderno, tal como Le Corbusier – um dos ícones do Movimento Moderno – que, em seu livro-manifesto *Por uma arquitetura*⁵, contribui significativamente para o desenvolvimento de todo o processo estético e ideológico do movimento, no qual a exposição de sua pesquisa pragmática de casas-modelo, bem iluminadas e de produção rápida e econômica –

⁵ LE CORBUSIER. *Por uma arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

dentro de uma linguagem e produção industrial –, servirão de base para os amplos programas de unidades habitacionais modernos que, inicialmente, visavam superar o grande *déficit* de moradias pelo qual passava a Europa naquele período.

A segunda edição (que aconteceu em 1929, em Frankfurt, Alemanha) do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM)⁶ tem como tema principal a unidade mínima de habitação (*existenzminimum*). Nas edições seguintes, a discussão acerca do habitat é também recorrente e preponderante no desenvolvimento das premissas modernas⁷, como no CIAM IV (de 1933, em Atenas, Grécia) que, por meio do manifesto da Carta de Atenas⁸, propugnava melhores condições à moradia popular, abrangendo questões de salubridade e insolação da unidade habitacional e a insuficiência de espaço destinado à moradia popular em meio ao contexto urbano congestionado.

Os conjuntos habitacionais verticalizados surgem nesta época como alternativa à ventilação e insolação precárias, como importante agente para o adensamento – por meio da concentração das unidades mínimas habitacionais –, onde o planejamento urbano torna-se o principal aliado, destinando à moradia popular espaço suficiente e local adequado no contexto urbano⁹ e condições favoráveis para seu deslocamento aos demais setores da cidade¹⁰. Tal solução ideal da arquitetura moderna para a habitação – que alia a relação com o espaço urbano, economia, rapidez de construção, condições de salubridade, permeabilidade e flexibilidade (por intermédio do sistema de pilotis) –, ganha o mundo,

⁶Dentre os propósitos a que se fundavam o CIAM, a reunião anual de arquitetos servia para discussão e proposição de soluções aos problemas de ordem arquitetônica e urbanística, no qual a cada edição do congresso era abordado um assunto central – que vão, por exemplo, desde a garantia do direito ao exercício da arquitetura contemporânea (moderna) até a discussão estética do movimento, de unidades habitacionais, de planejamento urbano etc. GIEDION, S. *Espaço, tempo e Arquitetura: o desenvolvimento de uma Nova Tradição*. São Paulo: Martins Fontes, 2004

⁷Tais como o II CIAM (de 1929 em Frankfurt am Main, Alemanha) “Unidade mínima de habitação” (*Existenzminimum*), V CIAM (de 1937, Paris, França) “Moradia e recreação” (*Dwelling and Recreation*) e o IX CIAM (de 1953, Aix-en-Provence, França) “A Carta da habitação” (*The Charter of Habitat*). GIEDION, S. *Espaço, tempo e Arquitetura: o desenvolvimento de uma Nova Tradição*. São Paulo: Martins Fontes, 2004

⁸Le Corbusier. *A Carta de Atenas*. São Paulo: Hucitec:Edusp, 1993.

⁹Conforme a Carta de Atenas, a busca pela melhoria das condições da habitação popular encontra-se também no zoneamento, onde não haveria a desigualdade da localização de bairros mais densos, populares, em zonas menos favorecidas – encostas mal orientadas, setores invadidos por nevoeiros, por gases industriais, passíveis de inundações, etc. – em contraponto aos bairros luxuosos, onde há vista a belas paisagens, locadas de maneira a propiciar uma iluminação e ventilação abundante. Conjuntos habitacionais verticalizados também colaborariam para uma igualdade de insolação e de vistas. Le Corbusier. *A Carta de Atenas*. São Paulo: Hucitec:Edusp, 1993.

¹⁰A divisão racional (maquinal) da cidade moderna em diferentes funções (moradia, trabalho, recreação e transporte) tinha no transporte o principal elo entre suas partes, sendo essencial no planejamento do conjunto habitacional: ligando moradia ao trabalho ou ao lazer. Idem.

espalha-se além-mar e chega ao Brasil¹¹, onde o Conjunto Habitacional Pedregulho no Rio de Janeiro (projeto do arq. Affonso Eduardo Reidy, de 1947)¹² e as grandes quadras habitacionais projetadas por Lúcio Costa para o plano piloto de Brasília, entre muitos outros, representam grandes exemplos. Contudo, a arquitetura moderna via para o problema da habitação uma resposta racional ligada a cálculos de densidade somados a estratégias econômicas e construtivas herdadas da produção industrial, resultando numa solução internacional.

No IX CIAM, em 1953 (Aix-en-Provence, França), a retomada da temática da habitação para a elaboração de uma Carta do Habitat – que trataria das questões referentes aos espaços de moradia¹³ – desta vez polarizou vertentes aos membros do CIAM, deixando incomodados alguns jovens arquitetos com os rumos a que seguia o movimento. Então, naquele momento, abria-se um espaço para a reformulação crítica que levaria ao fim dos CIAM¹⁴.

Imbuídos de fortes críticas à doutrina racionalista, autoritária e universal do movimento moderno, o então grupo de jovens arquitetos propõe no congresso seguinte (em 1956, em Dubrovnik), em sua décima edição, a extinção dos CIAM e o estabelecimento do grupo como "Team X" (1954-1984):

A intenção fundamental dos jovens era questionar a validade desses princípios universais a partir da noção de que o homem se organiza em comunidades, que desenvolve a necessidade de

¹¹No Brasil, a vinda do movimento moderno é diversa: ocorre por meio de publicação de obras de arquitetura moderna nos periódicos nacionais de arquitetura, pela troca proporcionada por arquitetos estrangeiros que vêm ao país (Le Corbusier, Gregori Warchavchik, etc) ou por arquitetos brasileiros que vão estudar fora e retornam (como Rino Levi). Contudo, muitos autores consideram Warchavchik o principal expoente do movimento moderno no Brasil – representante da América do Sul nos CIAM, erigiu a primeira casa modernista brasileira, em São Paulo.

¹²O projeto de Pedregulho fora inclusive solicitado por Gideon para ser apresentado na VII edição do CIAM, em Bérnago, Itália. CAPELLO, M. B. C. *Arquitetura em Revista: arquitetura moderna no Brasil e sua recepção nas revistas francesas, inglesas e italianas (1945-1960)*. Tese (doutorado) FAU-USP, 2006.

¹³ "Inicialmente, o objetivo da proposta temática era a formulação de uma Carta do Habitat, que funcionaria como uma carta de princípios orientadores da produção dos espaços de habitação modernos. A intenção era dar continuidade à produção de documentos-manifesto em arquitetura moderna, elaborado pela equipe liderada por Le Corbusier, o grupo ASCORAL. A ideia original de Le Corbusier e seu grupo considerava como Habitat os espaços destinados à habitação. A Carta do Habitat deveria, para eles, ser um documento que tratasse das questões referentes ao espaço de moradia, uma das funções especificadas na Carta de Atenas". BARONE, Ana Cláudia Castilho. *Team 10: Arquitetura como crítica*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002. p. 64

¹⁴BARONE, Ana Cláudia Castilho. *Team 10: Arquitetura como crítica*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002. p. 64

se diferenciar, se identificar com o local onde habita, criar vínculos sociais e apreender o espaço a partir de seus próprios valores culturais. Para essa geração, o atributo essencialmente humano na relação com o espaço era a constituição de lugares com identidade própria, para além da onda de *existenzminimum* defendida nos primeiros CIAM. [...] Buscavam era introduzir na arquitetura moderna as particularidades de cada usuário, sem negligenciar as conquistas sociais do movimento moderno¹⁵.

O tema do habitat desperta no grupo a discussão da moradia enquanto formação comunitária/social, essencialmente apoiada nas inter-relações humanas do espaço – em suas diversas escalas: a casa, a rua, o bairro e a cidade –, entendendo o habitat para além da unidade habitacional, como "um conceito ampliado que considerava não apenas a moradia, a unidade residencial, mas os espaços de convívio e os espaços públicos, domínios que permitiam a existência de uma vida coletiva no âmbito da moradia"¹⁶. A complementação do Team X à noção ampliada de habitat proposta por Le Corbusier – dos espaços complementares às unidades habitacionais – estava ligada a novas perspectivas de sociedade, de escalas da habitação, de relação com o lugar (com a cidade existente), de particularidade e identidade do usuário e de manutenção das tradições locais e dos valores culturais.

No contexto nacional, a discussão em torno da habitação social volta a ganhar força no início da década de 1960, quando o êxodo rural causou vertiginoso aumento demográfico à grande cidade. Em analogia ao contexto que originou o movimento moderno, as condições precárias e insalubres em que se instalam a recente população das grandes cidades brasileiras da segunda metade no século XIX assemelham-se às dos cortiços do início do século XIX, assim como a recorrente busca de alternativas para o saneamento do problema. Para tanto, as revistas nacionais especializadas de arquitetura tornam-se o principal veículo de discussão e afrontamento destas buscas de atuação diante do problema habitacional, já que apresentam projetos internacionais e textos teóricos sobre habitação – no intuito de se discutirem novas alternativas e vertentes de atuação –, atualizam periodicamente o posicionamento político-governamental brasileiro sobre a problemática social de habitação ao mesmo tempo em que incitam à participação arquitetos

¹⁵BARONE, Ana Cláudia Castilho. *Team 10: Arquitetura como crítica*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002. p. 61-62

¹⁶ Idem, p. 64-65

e intelectuais, sendo, portanto, importantes testemunhas históricas do processo crítico a que se desdobra a moradia social na década de 1960 – e que reverbera no cenário urbano contemporâneo.

Como visto, o tema da habitação tem grande importância nos rumos que toma a arquitetura no século XIX, estando presente na origem e derrocada do Movimento Moderno¹⁷, perpassando pela década de 1960 até a contemporaneidade. O presente artigo se propõe então realizar uma leitura da discussão da habitação social no contexto da década de 1960, reescrevendo parte de sua história através da análise dialética das publicações nos periódicos *Habitat* e *Mirantes das Artes* – ambas as revistas têm em comum sua formação (tanto na direção quanto na publicação de artigos) pelas mesmas figuras importantes e inquietantes do cenário arquitetônico e artístico brasileiro, no qual, destaca-se aqui, Lina Bo Bardi (fundadora, diretora das edições de n. 1 a n. 14 da revista *Habitat* e atuante em ambas), Pietro Maria Bardi (fundador da *Mirante das Artes* e atuante nas duas), Geraldo N. Serra (redator chefe da *Habitat* e diretor responsável por todas as edições das duas revistas) e José Geraldo Vieira (responsável pela parte de artes plásticas também em ambas).

3.2 A emergência do problema habitacional

A problemática decorrente do impacto populacional começa a ganhar força no Brasil do início da década de 1940. Segundo algumas edições da revista *Habitat*, o aumento populacional de 31.24% em 1940 – que ocorre principalmente nas grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro – causa a corrida e o surto imobiliários trazendo como consequências a inflação e a especulação imobiliária.

Foi, precisamente, a partir de tal data [1941] que o governo incentivou o surto imobiliário, no Rio e em S. Paulo, por intermédio das carteiras de empréstimos dos IAP, incrementando de tal forma a ‘valorização’ artificial que os chamados ‘arranha-céus’ produziram na cidade (...) sem uma legislação urbana que deveria ter sido previamente determinada¹⁸.

¹⁷Enquanto referência imagética da habitação presente na crise moderna vale recorrer à da implosão, em 1972, do conjunto habitacional Pruitt-Igoe (construído em 1954 em St. Louis, E.U.A.), considerado por vários autores como o momento exato da morte do movimento. JENCKS, CHARLES. *El lenguaje de la arquitectura posmoderna*. Barcelona: G. Gili, 1986.

¹⁸EDITORIAL. *Habitação vs. Tugúrio*. *Habitat* (64): p. 2, 1961.

Aproveitando-se das brechas legislativas, o surto imobiliário espalha a “necrose” de terrenos baldios para dentro das cidades por intermédio da especulação e força grande parte da população a se abrigar em tugúrios nas áreas menos favorecidas, onde o jogo do interesse imobiliário ainda não tinha afetado – a periferia. Assim, “seguiu em ritmo espantoso o aparecimento de novas e o crescimento das antigas favelas”, atingindo não só as grandes cidades, mas se proliferando “a todos os recantos urbanizados do país, demonstrando, fartamente, a necessidade de uma solução ao imenso problema”¹⁹.

Em contraponto à piora do aumento inflacionário na década de 40, o governo procurava, ainda que timidamente, levantar os dados do problema habitacional e propor soluções de atuação, como foi o caso do Conjunto Residencial de Pedregulho no Rio de Janeiro, que se tratava, na verdade, de uma “‘amostra’ da solução social, urbanística e arquitetônica (...) destinado a orientar as possibilidades a governos e empreendedores”²⁰.

Enquanto o aumento populacional é de 31.24% em 1940 e 36.16% em 1950, em 1960 chega a repentinos 45,08%, período no qual mais de 11% dessa população encontram-se apenas nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, onde, ambas, possuem mais de um terço da população que mora no regime do favelado²¹. Desta maneira, na década de 1960, torna-se ainda mais agravante o problema da habitação social, voltando a tomar conta das principais discussões no meio político, governamental e, sobretudo, arquitetônico²².

A proliferação do tugúrio ocorre principalmente em grandes cidades brasileiras, sobretudo São Paulo, para onde se dirigem as indústrias, o interesse bancário e as atividades comerciais, e também onde se concentra o afluxo migratório intensificado, inclusive, pela construção da nova capital: “a 300 metros do seu imponente aeroporto – o de maior movimento no país – crescem as casa de barro e de tábuas, de latas e de folhas de zinco, que fazem a ‘favela’ de Congonhas”²³; ao passo que o Rio de Janeiro há um pequeno

¹⁹Idem.

²⁰Idem.

²¹Geraldo Ferraz. In: FERRAZ, Geraldo. *Habitação, sempre, habitação*. Habitat n.73 (1963), p. 12

²²Vale ressaltar que o campo arquitetônico, a partir da década de 1950, aparece mais fortemente engajado no contexto da discussão habitacional das revistas especializadas por conta do aumento significativo de número de escolas de arquitetura e profissionais arquitetos. MIRANDA, C. L. *A crítica nas revistas de arquitetura nos anos 50: a expressão plástica e a síntese das artes*. Dissertação (Mestrado) EESC-USP, 1998.

²³ROBERTO, Maurício. *Arquitetura, problema social*. Habitat (71): p. 62-63, 1963

crescimento, por tornar-se uma cidade de turismo e cultura²⁴. O crescimento populacional vertiginoso transforma, então, em caótico o cenário das cidades brasileiras, tal como descreve Maurício Roberto – membro do importante escritório de arquitetura MMM Roberto – em *Arquitetura, problema social*²⁵, ao mesmo tempo em que chama atenção dos colegas arquitetos para que não se esqueçam do seu papel social diante do problema habitacional:

Cidades, cada vez mais desordenadas, caóticas, onde o número de habitantes aumenta - e aumenta violentamente - dentro do compasso de incremento populacional próprio de um país que se industrializa. [...] As nossas cidades precisam adotar urgentemente planos capazes de ordená-las organicamente, em vez de continuarem seguindo a rotina de hoje que confunde ruas e lotear anarquicamente, ao sabor da especulação imobiliária, a terra urbana, suburbana e mesmo a rural [...] Enquanto perdurar este estado de coisas, o arquiteto continuará como um produto de luxo usado por uma pequena minoria rica, ou pelo Estado, em algumas obras, apenas²⁶.

Neste contexto, é possível observar que as revistas especializadas de arquitetura, ao mesmo tempo em que descrevem o cenário urbano caótica das grandes cidades, traduzem a preocupação dos arquitetos frente ao problema habitacional, tanto do ponto de vista político quanto arquitetônico, ao que estes são constantemente chamados a participar e a contribuir com sugestões, levantamento de questões e propostas de soluções aos planejamentos urbanos e habitacionais em andamento no contexto político nacional. Desta maneira, as revistas de arquitetura se transformam em importantes veículos de discussão da moradia popular, bem como figuras essenciais para análise dos andamentos a que se seguem o processo histórico habitacional no Brasil, pois corroboraram para o desenvolvimento crítico na área da moradia social – já que no Brasil da década de 1960, segundo o editorial da

²⁴ Diante do crescimento das grandes cidades, vale destacar a crença cega ao planejamento urbano como medida controladora aos problemas urbanísticos e habitacionais, como mostra o editorial da Habitat 61 (1960), *Habituação e Planejamento*, em que acreditava-se que o crescimento populacional de S. Paulo em relação à Brasília se deveria pelo fato de esta estar planejada e, portanto, limitada ao crescimento populacional, livre do turgório: “S. Paulo terá então de prever o afluxo migratório que virá sobre sua área em maior expansão agora, devido a Brasília, com seu apelo ‘marcha para oeste’... Brasília está limitada: S. Paulo não está”.

²⁵ Idem nota 24.

²⁶ Idem, p. 63.

revista Habitat n. 61 de 1960, “não há pesquisa sobre habitação, nem pesquisa sobre ‘favelas’”.

3.3 O problema do tugúrio: propostas, posicionamento e vertentes de atuação

Dentre os textos que se encontram nas revistas Habitat e Mirante das Artes – entre editoriais, notas e artigos – que vão de encontro ao problema da moradia, o presente artigo busca investigar e identificar as principais medidas e os diferentes posicionamentos dos arquitetos diante do problema, seja de maneira direta – por meio de posturas de ação, discussões, levantamento de questões e proposições de medidas dirigidas à habitação social no cenário urbano nacional – ou indireta – por meio de artigos nacionais e internacionais de conteúdo teórico e experimental relacionados à habitação sem, contudo, estar diretamente relacionado ou dirigido ao problema da moradia no Brasil ou demais países subdesenvolvidos (grande parte dos países da América Latina, África, etc.), pois, entende-se aqui, que tais abordagens fomentam, mesmo que indiretamente, novas perspectivas dentro da discussão nacional do tugúrio.

São diversos os posicionamentos de arquitetos, políticos e intelectuais diante da situação em que se encontrava a habitação no Brasil, principalmente no que concerne às medidas de órgãos governamentais nacionais, como o Instituto de Habitação Nacional (INH)²⁷ que, segundo a revista Habitat, se posicionavam inutilmente em relação ao problema em toda sua magnitude regional, sendo incapaz de estabelecer um conjunto de medidas para enfrentar o problema da favela, “isto sem considerar o desconforto das populações de nível médio e proletário, que por esse vasto território tem a ilusão do abrigo”²⁸. Diante desta constatação e visando a urgência e os questionamentos que o problema carrega, a revista convoca a atenção e participação de profissionais do meio para o debate da habitação social e estes o fazem, levantando, contudo, questões e soluções diversas ao problema. Vertentes, linhas de pensamentos e atuação expostos nas revistas

²⁷ O INH foi criado pelo Decreto-Lei n.º 177/84, de 25 de Maio, cujo objetivo primordial era dotar o Estado de um instrumento de intervenção financeira no sector da habitação, especialmente a concessão de apoio à construção de habitação social destinada à população carente.

²⁸ EDITORIAL. *Habitação vs. Tugúrio*. Habitat (64): p.2, 1961

neste período fazem, portanto, parte do processo histórico-crítico da habitação no Brasil, tema que os seguintes tópicos pretendem abordar.

Sob todos os aspectos, a solução do problema se acha proposta no Instituto de Habitação, e cabe aos administradores municipais, aos homens de boa vontade, e aos arquitetos e urbanistas principalmente, voltarem suas vistas para a crise de habitação, para a moradia dos favelados, para o tugúrio²⁹.

3.3.1 Entre o Planejamento Moderno e o “Planejamento em todos os sentidos”

Inicialmente, para uma parcela de arquitetos em que ainda é notória a herança moderna³⁰, o problema habitacional é decorrente do problema de planejamento urbano, pois insistem sobre as condicionantes urbanísticas do modelo moderno de cidade – “a Urbanística é a colocação dos fatores: Habitação, Trabalho, Circulação, Recreação”³¹. Assim, as críticas que lançam aos órgãos governamentais é a falta de atenção primeira ao domínio do urbano para resolução do “incômodo habitacional”, já que, para eles, é “ridículo hoje imaginar-se uma solução para Habitação sem a correlata ideia do Planejamento, anterior a qualquer indicação das possibilidades de residência”³². Ou seja, para esta parcela de arquitetos, as necessidades relacionadas à habitação são decorrentes unicamente do planejamento urbanístico: resolvendo este, resolve-se o problema habitacional – já que se pensa a habitação dentro do modelo funcionalista de cidade corbusiana.

Por outro lado, o manifesto feito pelos arquitetos cariocas do IAB é publicado dois anos mais tarde pela revista *Habitat*, traduzindo o posicionamento homólogo de vários arquitetos da federação nacional³³. Dentre as ideias do manifesto, aborda-se a compreensão de habitação para além da unidade habitacional, que extrapola o “mero abrigo de um teto”

²⁹ EDITORIAL, Habitação vs. Tugúrio. *Habitat* (64): p.2, 1961

³⁰ A demora nacional em relação à superação dos ideários modernos se deve a fatores como a atenção dos arquitetos brasileiros à construção civil em detrimento do desenvolvimento crítico em arquitetura por conta do aumento da demanda no setor – que aumentara pelo “milagre econômico” brasileiro. BASTOS, Maria Alice Junqueira. *Arquiteturas Após 1950*. São Paulo: perspectiva, 2010.

³¹ EDITORIAL. *Habitação e Planejamento* *Habitat* (61): p. 2, 1961

³² *Idem*.

³³ EDITORIAL. *Ainda e sempre o Problema Habitacional*. *Habitat* (70): p. 2, 1962.

isolado do contexto urbano, que se estende para os diversos equipamentos de serviço público onde, sobretudo, preza-se a comunidade³⁴:

A inserção da CASA neste contexto [urbano] e a integração do HOMEM nesta comunidade exigem um mínimo de serviços públicos e de equipamento comunitário: ruas, água, esgotos, luz, vias de circulação, escolas, centros de saúde, facilidades comerciais, locais para culto e diversões e fácil acesso aos lugares de trabalho³⁵.

Para os arquitetos do Rio de Janeiro, o planejamento físico e habitacional é necessário, mas tem de ser trabalhada em diversos níveis (em escala nacional, regional e local) além da atenção a problemas outros, como legislativos de combate à especulação imobiliária – ou seja, como apontado por Geraldo Ferraz: “planejamento em todos os sentidos”³⁶. Assim, a ideia de “planejamento em todos os sentidos” partilha de ideais modernos e é antagônica às políticas imediatistas e superficiais para minorar o *déficit* de moradias por intermédio da construção apressada de casinhas isoladas em complexos urbanos, de conjuntos maciços de residências em áreas “escolhidas ao azar”³⁷ – soluções insuficientes e abordadas pelas revistas da década de 1960 que permanecem ainda hoje no cenário nacional das políticas habitacionais, cujo principal exemplo se faz por projetos como o “Minha Casa, Minha vida”.

Além disso, os arquitetos cariocas apostam nas técnicas industriais para o barateamento da construção – por meio de um planejamento global determinante a uma demanda industrial – e a parceria com instituições privadas, pois consideram a complexidade do quadro alta para a solução concentrada na administração política e nos recursos governamentais, sobretudo, dentro de uma estrutura econômica precária.

3.3.2 Habitação social: um problema político

³⁴ Vale ressaltar que o conceito de “habitação para além da unidade habitacional” já se encontrava fundamentado na Carta de Atenas por meio da adoção de “equipamentos suporte” na unidade habitacional – escolas, comércios, entre outros serviços. Porém, o conceito é ampliado pela crítica do Team X ao movimento moderno, onde são complementadas noções de escala – casa, rua, bairro –, comunidade e tradição à habitação social. No caso da sugestão do manifesto dos arquitetos cariocas do IAB, o conceito se enquadra na complementação feita pelo Team X à Carta de Atenas.

³⁵EDITORIAL. *Ainda e sempre o Problema Habitacional*. Habitat (70): p. 2, 1962.

³⁶FERRAZ, Geraldo. *Habitação no Brasil*. Habitat (68): p. 2, 1962.

³⁷Idem nota 36.

Participantes ativos da Comissão Nacional de Habitação, os arquitetos brasileiros estão empenhados em resolver e equacionar o problema da habitação por meio de sugestões e representações seguidas aos vários governos do país – observado em exemplos anteriores aqui citados, como o manifesto dos arquitetos cariocas do IAB –; contudo, por mais interessados que estejam, é predominante o pensamento de que o problema da habitação encontra-se principalmente em questões políticas e econômicas, sendo os programas de desenvolvimento econômico os principais personagens que conduzirão a solução do problema de habitação, tal como frisa o arquiteto Joaquim Guedes – representante do Instituto dos Arquitetos do Brasil na Comissão Nacional de Habitação – em *Habitação, subproduto da independência econômica*:

Sustentamos que os problemas brasileiros fundamentais [...] são a miséria e o subdesenvolvimento, dos quais o problema habitacional é uma consequência. Por isso, não é possível pensar que a habitação possa ser resolvida isoladamente ou que o problema seja possível de ser atacado em separado no âmbito nacional, sem a profundidade necessária. A habitação será antes um sub-produto de nosso desenvolvimento e de nossa independência econômica³⁸.

A questão da moradia social como questão política governamental e não arquitetônica – sendo a esta reservada os problemas estruturais, de espacialização, construção econômica, conforto, etc. – é recorrente, porém a figura do arquiteto não é menos importante para o seu desenvolvimento, sendo necessária, na realidade, uma mudança de postura e atuação política para sanar tal problema, deixar as pranchetas e projetos de lado, como bem aponta Oscar Niemeyer diante das discussões sobre soluções para as favelas no Rio de Janeiro:

Os problemas das favelas não são uma questão arquitetônica, mas sociológica. Não cabe aos arquitetos solucioná-lo, mas aos governos. A arquitetura reflete o ambiente, a sociedade em que ela é feita. Se a sociedade é bem organizada, a arquitetura é bem organizada. A favela é o reflexo da vida brasileira – a diferença entre o muito rico e o muito pobre. Se o arquiteto deseja melhorar o progresso, entre ele deve deixar sua prancha de desenho e ir fazer os ricos menos ricos e os pobres menos pobres³⁹.

³⁸ EDITORIAL. *Habitação, subproduto da independência econômica*. Habitat (67): p. 1, 1961

³⁹ BARDI, Lina Bo. *Na América do Sul: após Le Corbusier, o que está acontecendo?*. Mirante das Artes (1), p. 13, 1967.

Em *Habitação no Brasil*⁴⁰, Geraldo Ferraz trata do problema da moradia social ligada à gestão governamental, porém sob outra interessante perspectiva: a da prioridade dada à moradia do homem urbano em detrimento à moradia rural. Baseando-se nos pensamentos de Le Corbusier, da *fermé radiques* – em que se trabalha para sustentar os “exércitos da frente urbana”, ou seja, têm-se o melhor tratamento da população rural, já que esta é de suma importância para o organismo da cidade –, Ferraz considera que no tratamento governamental dado à habitação, mesmo que precário, “não se estabeleceu a dualidade campo-cidade, e visou-se colocar a preferência da moradia para o homem urbano”. Portanto, para ele, a atenção dada à habitação urbana em detrimento à rural foi preponderante para o crescimento populacional urbano, tratando-se de um verdadeiro incentivo ao afluxo massificado do campo para a cidade:

Não imaginou nem curou o administrador da necessidade de fixar, previamente o homem do campo, no campo. [...] Não se fixou o homem do campo, mas ao se proporcionar meios à aquisição desse bem primordial que é a casa própria, acenou-se ao homem do campo com mais uma privilegiada condição do trabalhador da cidade.

A dualidade discrepante da relação campo/cidade gera ainda – além do tugúrio e precariedade da moradia social –, para Ferraz, a intolerância da agricultura, cujo descuido se desdobra a outros problemas oriundos do campo, como o da alimentação.

A solução da habitação, unilateralmente, para a cidade, será um fator de impulso fatal para a desorganização maior do campo, para o afluxo para as cidades, para o agravamento do problema de abrigo das massas trabalhadoras, que busca - erradamente – defrontar⁴¹.

Os diversos campos de atuação e perspectivas em que se dividem os arquitetos diante do problema habitacional, como visto anteriormente, encontram-se embasados mais em medidas políticas e governamentais do que em nível arquitetônico, de resposta ao problema por meio do desenho projetual, já que este último pouco contribui ao problema habitacional. Portanto, para a maioria dos arquitetos brasileiros, a moradia é mais um problema de ordem política e menos arquitetônica.

⁴⁰ FERRAZ, Geraldo. *Habitação no Brasil*. Habitat (68): p. 8, 1962

⁴¹ Idem.

Contudo, não menos importantes, as revistas *Habitat* e *Mirante das Artes* trazem artigos nacionais e internacionais que fomentam outras questões oriundas à moradia – tais como mobilidade, flexibilidade, novos materiais, casa-produto, entre outras propostas experimentais – mas que, desta vez, estão ao alcance do arquiteto e urbanista. Essas discussões permeiam a conformação crítica da moradia social na década de 1960 e se estendem à contemporaneidade e, por isso, valem ser destacadas.

3.4 Os novos rumos da arquitetura e da habitação após o movimento moderno

Inspirada nas transformações sociais, econômicas e culturais dos anos 1960 – cuja figura do *trailer* torna-se imagem representativa –, a habitação, assim como no movimento moderno, é constantemente pensada dentro da linha de montagem industrial, de casa-produto, reflexo dos novos modos de vida e, ao mesmo tempo, como alternativa de produção e barateamento da habitação. Aspectos estes trazidos por arquitetos, como os do grupo inglês Archigram, pelos Metabolistas japoneses, dentre outras produções arquitetônicas do contexto internacional e nacional⁴², que são destacados por Lina Bo Bardi em *Na América do Sul: após Le Corbusier, o que está acontecendo?*⁴³ como quem lança um leque de possibilidades aos arquitetos brasileiros diante do problema habitacional⁴⁴:

A arquitetura está num impasse. Após Le Corbusier, depois do estilo norte-americano a ‘bloco’, depois das tendências Wright-Gaudiana, qual o caminho? Na Europa, no Japão, começa a procura da expressão atômica da arquitetura. Na América do Sul os problemas sociais condicionam esta procura.

⁴² Como os arquitetos Eero Saarinen, Giovanni Michelucci, Paul Rudolph, Constant (Internacional Situcionistas), Emilio Soyer, Salmona, Vieco, Zarate, Paulo Casé e Luis Acioli.

⁴³ BO BARDI, Lina. *Na América do Sul: após Le Corbusier, o que está acontecendo?*. *Mirante das Artes* (1), p. 13, 1967.

⁴⁴ Com a decadência do movimento moderno, sem mais um ideário universal a se seguir, a década de 1960 representa um turbilhão de atuações, experimentações e discussões diversas, livres de uma vertente hegemônica – enquanto que alguns arquitetos ainda seguem as correntes propagadas pelo extinto movimento moderno (ou por ele herdadas), outros irão buscar na liberdade formal e na diversidade de atuações novos conceitos arquitetônicos. Desta maneira, para levar ainda divididas e perdidas de arquitetos, Lina Bo Bardi utiliza-se, a meu ver, deste “lançamento de possibilidades” numa tentativa de agitação do meio arquitetônico, para que, inspiradas nessas produções, gerem ainda mais novas possibilidades numa época em se fazem necessárias soluções urgentes ao problema habitacional.

Do grupo Archigram, Lina destaca o projeto de um imóvel que, “saíndo declaradamente da science-fiction”, fixa os cânones para uma nova arquitetura de massa:

Presença na arquitetura da noção de mudança e adaptabilidade; introdução do objeto ‘efêmero’ no acontecimento arquitetônico; a técnica deve ser a resposta à sociedade; equivalência entre os meios técnicos da arquitetura pela conquista do Cosmo; pesquisa estética ‘fim a si mesma’; cidades como silos para indivíduos; novos sistemas para comunicação e distribuição’. A deflagração da construção a ‘bloco’ está na base dos trabalhos do grupo⁴⁵.



Figura 1: Artigo de da revista Mirante das Artes, no qual Lina Bo Bardi trás exemplos dos novos rumos da arquitetura nacional (Oscar Niemeyer, Paulo Casé e Luiz Acioli) e internacional (Eero Saarinen, Constant, Emílio Soyer, Giovani Michelucci, grupo Archigram, Kenzo Tange, entre outros) após o Movimento Moderno.

Em contrapartida, a publicação da maquete do arquiteto metabolista Kenzo Tange para o projeto de reconstrução do bairro Tsukiji, em Tóquio, apresenta a preocupação da estruturação em “células” e “partes” – passíveis de remoção ou adição – contra a concepção unitária e rígida da arquitetura tradicional. Assim, por meio da divulgação das atuações de Archigram, Metabolista, dentre outros arquitetos, Lina ao mesmo tempo em que apresenta, atualiza conceitos de mutabilidade, flexibilidade, efemeridade e adaptabilidade que, na

⁴⁵ Idem, p. 10.

América do Sul, podem representar soluções chaves ou mesmo alternativas aos problemas sociais (habitacionais), para os quais essa procura é condicionante.

Questões propostas por Archigram e Kenzo Tange de casa pré-construída, casa-produto, aparecem também em *Uma casa experimental da nossa era*⁴⁶, na qual a revista Habitat apresenta o projeto de uma casa experimental do arquiteto americano George Nelson respondendo à seguinte pergunta: “Poderá a casa do futuro emergir de uma linha de produção? Tornou-se afinal, o tijolo, um método obsoleto para enfrentar o problema da construção, diante de um crescimento contínuo de população, e, portanto, de demanda?”⁴⁷.

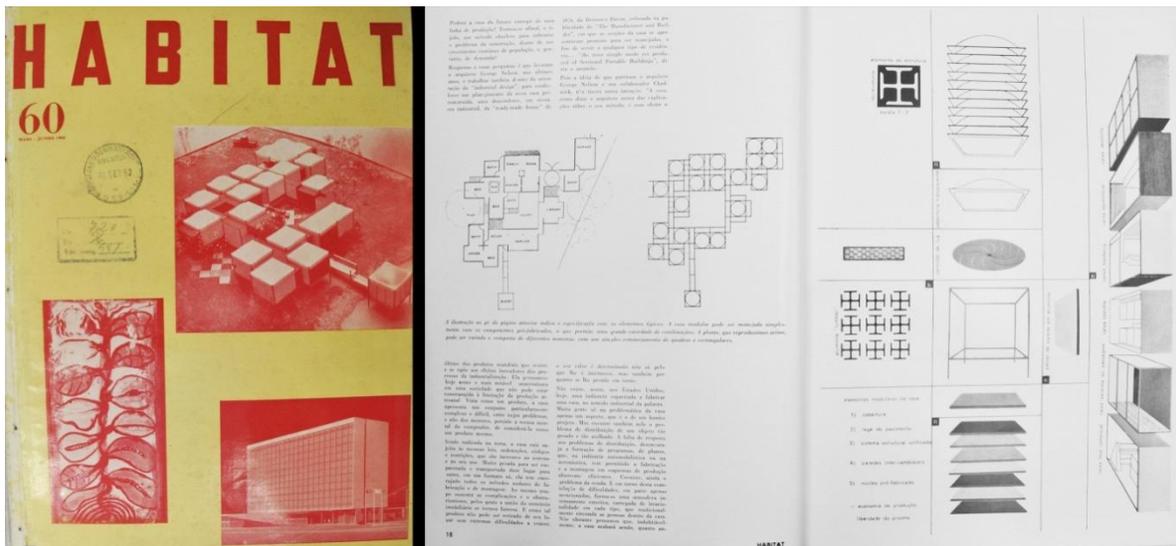


Figura 2: A capa da *Habitat* n. 60 (à esquerda) traz na parte superior o projeto da casa experimental do arquiteto George Nelson. Já a imagem ao lado é parte do conteúdo do artigo em que Nelson mostra as peças e elementos constituintes de sua proposta.

Dentro de uma linguagem de produção totalmente industrial em consignação aos demais produtos oriundos do contexto de 1960 (furgões de transporte, *trailers*, restaurantes, edifícios industriais, ônibus, construções militares etc) –, o projeto de Nelson visa responder rapidamente a questões de demanda da habitação que, para ele, não podem ser mais limitadas ao processo lento de “produção artesanal”. Trata-se, portanto, de um produto industrial estandardizado para o problema da moradia, “integrando tudo quanto a arquitetura mais humanizadora poderia recolher como elemento da habitação: um projeto compreensivo de todos os requisitos da moradia, aos quais a casa deverá atender para

⁴⁶ NELSON, George. *Uma casa experimental da nossa era*. Habitat (60), p. 17-21, 1960.

⁴⁷Idem, p. 17.

formar as particularidades e as complexidades que lhe são inerentes"⁴⁸. Contudo, como atesta Nelson, somado à dificuldade de transportação e à complexidade do conjunto, há uma “recusa mental” da casa pelo seu aspecto de produto frente aos valores irracionais, tradicionais e emotivos da casa comum. Sobretudo, "Nelson considera, de fato, a residência um produto ainda irracional, tecnologicamente imperfeito, carregado de elementos artesanais, o que a torna incoerente no tempo e fundamentalmente negativo" ⁴⁹.

A questão da incoerência entre a produção da moradia perante as novas tecnologias e modos de vida (cada vez mais dinâmicos e espontâneos) aparece novamente, mas de modo complementar, no artigo – extraído de uma conferência em Stuttgart, Alemanha – do arquiteto alemão Frei Otto, *O significado da “construção leve” em nossos dias*⁵⁰, na mesma edição da revista *Habitat* (n. 60) em que se encontra a proposta experimental de George Nelson.

Para Otto, as cidades estão em constante movimento, modificam-se a cada visita, onde surgem grandes vácuos, com implacáveis demolições e novas habitações que despontam do solo e alteram constantemente a fisionomia urbana. Assim, para o arquiteto alemão, as cidades crescem e se extinguem, “a mutabilidade impõe-se à cidade, sob pena de desaparecimento” ao passo que as casas (sejam elas velhas ou novas) são rígidas. Portanto, há certa incoerência de que as residências existentes, cujos materiais construtivos podem durar centenas de anos, não apresentem a possibilidade alguma de modificação; a cada deslocamento de parede, aumento de um cômodo, a abertura de uma nova janela ou porta: uma grande dificuldade. Segundo Otto, nestes tempos de grandes deslocamentos e transformações urbanas cada vez mais intensas, a construção funcional impõe-se com premência, pois devem acompanhar os grandes deslocamentos da contemporaneidade, devem ser deslocáveis, menos maciças, menos rígidas: em casas, cada vez mais duráveis, comprimem-se homens de vida efêmera. Desta maneira, para ele, é necessário que as casas e construções de um modo geral, sejam mais humanas, ou seja, menos rígidas – entre o fugaz e o perene –, que acompanhem o dinamismo das cidades e, sobretudo, da vida moderna – pois “não se conciliam o homem irrequieto com a sólida e pesada construção”.

⁴⁸Idem, p. 19.

⁴⁹Idem, p. 20.

⁵⁰OTTO, Frei. *O significado da “construção leve” em nossos dias*. Habitat (60), p. 40-42, 1960.

A assim chamada ‘construção social de moradias’, em todos os países em que conhecemos, oferece o espetáculo, com raras exceções, do mais espantoso exemplo de construção rígida, com problemas que há anos estão resolvidos legalmente. [...] Essa arquitetura imóvel constitui grande obstáculo para o desenvolvimento futuro das nossas cidades⁵¹.

Para Otto, ao indivíduo são impostos edifícios de morar como fatos consumados, forçados a pretexto de assistência estatal. A construção de uma moradia que atendesse às necessidades de cada família seria sanada com a autogestão habitacional, com o indivíduo forjando seu próprio ambiente e moradia. Contudo, para o arquiteto alemão, o indivíduo não possui tal condição, e a auto-ajuda da construção própria, ou auto-construção da moradia, resultariam em soluções primitivas e precárias.

Porém, a ideia de autogestão da moradia social – e do resultado, de certa forma, primitivo – é o que norteia o experimento feito por Acácio Gil Borsoi para a comunidade rural de Cajueiro Seco, em Pernambuco, no início da década de 1960. Ganhando destaque em periódicos nacionais⁵², a publicação do projeto de Cajueiro Seco, no contexto de problematização da moradia social, representa não só a divulgação de uma experimentação arquitetônica no campo habitacional, mas, principalmente, da fomentação que gera questões outras em desenvolvimento no meio arquitetônico: o modo de atuação do arquiteto na produção arquitetônica, a ideia de canteiro-escola, entre outras abordagens que, inclusive, compartilham da discussão iniciada pelo grupo Arquitetura Nova no mesmo período⁵³ – e ainda de grande importância no atual contexto crítico nacional contemporâneo da arquitetura.

⁵¹ Idem, p. 40.

⁵² Não só nas revistas estudadas por este artigo, como a *Mirante das Artes* (2), 1967, mas também outras revistas nacionais, como a *Revista Ou...* (4), 1971. Cfr. ARANTES, Pedro Fiori. *Arquitetura Nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre*. São Paulo: editora 34, 2002

⁵³ Os estudos teóricos e pragmáticos do grupo Arquitetura Nova – formado por Flávio Império, Sérgio Ferro e Rodrigo Lefèvre – se iniciam no mesmo período de Cajueiro Seco, na década de 1960, e levam questões de mesma natureza: quanto ao tipo de produção feita no canteiro de obras, a figura hegemônica do arquiteto e o processo de alienação do construtor, e o processo experimental da moradia social dentro de um olhar sobre a realidade nacional. Idem.

3.5 O caso de Cajueiro Seco: “Ao ‘limite’ da casa popular”

Na ampla discussão em que se desdobra a habitação popular, destaca-se aqui o artigo de Lina Bo Bardi na revista *Mirante das Artes* em que apresenta a comunidade rural Cajueiro Seco, campo de atuação experimental coordenado pelo arquiteto Acácio Gil Borsoi para a moradia popular em Pernambuco, em 1963. Em *Ao “limite” da casa popular*⁵⁴, Lina coloca o projeto de Borsoi como um dos poucos exemplos nacionais de pesquisa realista a respeito da casa popular, cujo ponto de atuação não se encontra no idealismo-formal – de habitação em matéria-plástica, soluções queridas aos teóricos abstratos – mas em uma atuação sobre a realidade existente, mesmo que para isso fosse necessário renunciar, por parte do arquiteto, a resultados formais atraentes. Para Lina, à essa “renúncia profissional” chega-se a resultados que permeiam um “limite” arquitetônico: o princípio da autoajuda e a “melhoria progressiva”, diretamente ligada a fatores econômicos.

É um trabalho que toma consciência do subdesenvolvimento do país, não como fatalidade ou uma condenação, mas como um fator de contingência histórica. É o testemunho de uma mentalidade e de um entusiasmo coletivo, longe da retórica interesseira do malogrado Banco Nacional de Habitação. Publicamo-lo como documento de um tempo de esperanças⁵⁵.

Aos resultados de ordem vernacular da proposta de Cajueiro Seco – cuja técnica empregada nas casas utiliza-se de cobertura de esteira de palha ou capim e painéis de taipa (madeira e barro) – nada se relaciona a uma solução romântica inspirada nas favelas, ocas e simplicidade camponesa, nem com uma poética regionalista-formal de utilização dos materiais locais e muito menos como uma resposta rápida e de construção barata, tal como afirma Borsoi:

Este trabalho surgiu de um contato direto com o problema da habitação para as classes menos favorecidas. Não tivemos o intuito de estudar mais uma vez um tipo de casa barata, para ser distribuída entre populações marginalizadas; partimos, antes, do princípio de que a casa é o

⁵⁴BO BARDI, Lina. *Ao “limite” da casa popular*. *Mirante das Artes* (2), p. 21, 1967.

⁵⁵ Idem, p. 20.

efeito e não a causa do desequilíbrio social e econômico e, assim sendo, deve ser encarada como espelho de uma realidade⁵⁶.

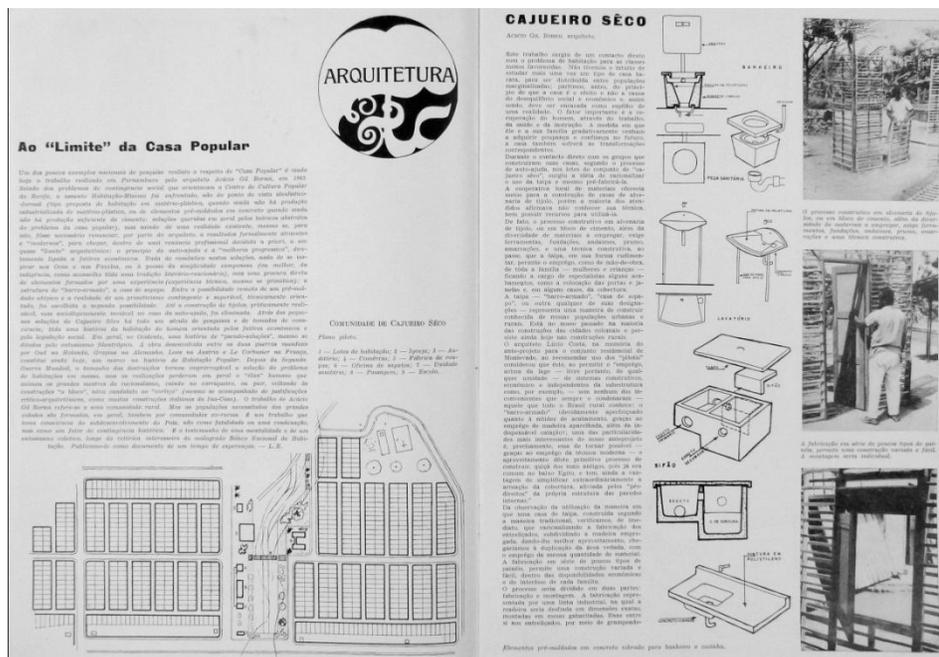


Figura 3 Artigo de *Mirante das Artes* em que Lina Bo Bardi introduz o projeto para a comunidade rural de Cajueiro Seco (à esquerda) seguido do memorial de Acácio Gil Borsoi sobre o projeto (à direita).

Borsoi explica ainda que a utilização da taipa em detrimento do tijolo, por mais que este fosse acessível – já que a cooperativa local de materiais oferecia meios para a construção de casas de alvenaria de tijolo –, era “sociologicamente inviável no caso da autoajuda”. A utilização da construção em tijolos necessitava ainda de técnicas construtivas mais elaboradas e uma gama maior de ferramentas – andaimes, prumo, amarrações, fundações, etc. – que, além de serem desconhecidas e estarem fora do “alcance monetário” dos futuros moradores de Cajueiro Seco, exigiam uma mão-de-obra melhor preparada, robusta, ao passo que a construção em taipa, madeira e palha utiliza técnicas construtivas simples, de ferramentas acessíveis e possibilitava a participação ampla dos moradores – mulheres e até mesmo crianças. Ou seja, são soluções que demonstram o que há por trás “todo um século de pesquisas e de tomadas de consciência; toda uma história da habitação do homem orientada pelos fatores econômicos e pela legislação social”⁵⁷. Trata-se de uma

⁵⁶BORSOI, Acácio Gil. *Cajueiro Seco*. *Mirante das Artes* (2), p. 21-23, 1967.

⁵⁷ ARANTES, Pedro Fiori. *Arquitetura Nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre*. São Paulo: editora 34, 2002.

experimentação que envolve o mutirão, a participação popular, de autoconstrução para e pelo povo e que, ao mesmo tempo, traduz o problema de ordem social e econômica da habitação social. Enquadra-se, sobretudo, nos estudos desenvolvidos pelo grupo Arquitetura Nova que têm início nessa época: a procura pela democratização da arquitetura e participação popular tanto na produção quanto em seu consumo; mentalidade que se desenvolverá constitutivamente nas propostas de “canteiro-escola” desenvolvidas por Rodrigo Lefèvre na década seguinte.

Na prática experimental de Cajueiro Seco, o arquiteto tem engajamento participativo: é produtor e construtor *in loco*, desenvolve o plano projetual e o exercício da técnica juntamente ao usuário num processo de conscientização do produtor sobre o processo e resultado projetual – ensina o usuário a satisfazer suas necessidades de moradia pelas próprias mãos. Assim, a prática experimental de Cajueiro Seco, apesar do desenvolvimento projetual e arquitetônico, enquadra-se na vertente do problema habitacional ligado à ordem econômica e desenvolvimentista, pois se trata da postura realista do arquiteto que deixa de lado a prancheta e o papel hegemônico sobre o desenho de domínio técnico para uma melhoria ativa do problema habitacional.

4. CONCLUSÃO

Frente à problemática habitacional que se intensificava na década de 1960 no contexto nacional – decorrente do aumento populacional nas principais cidades do país, ocasionado pela defasagem entre campo-cidade e pelo incremento do setor industrial nas áreas urbanas, favorecendo o êxodo rural –, arquitetos, intelectuais e outros profissionais encontram nas revistas especializadas a principal via de discussão, levantamento de questões e proposição de soluções do problema habitacional para, não só dar apoio à urgência habitacional, mas, sobretudo, para confrontar as práticas de atuação dos órgãos e instituições governamentais frente ao problema. Desta maneira, revistas especializadas como a *Mirante das Artes* e a *Habitat* tornam-se importantes figuras no processo de formação crítica da habitação social no Brasil, bem como testemunhas históricas do seu desenvolvimento, pois, além de incitarem constantemente a participação dos profissionais e fomentarem as discussões em torno do tema por meio das publicações de artigos nacionais

e internacionais, refletem as diferentes posturas de atuação de arquitetos e profissionais sobre um mesmo problema em formação, numa época em que ainda era inexistente, no Brasil, a pesquisa sobre a moradia social.

O estudo dos artigos também fora importante não só para analisar as diferentes posturas críticas dos arquitetos sobre o problema habitacional neste período, mas também das revistas especializadas *Mirante das Artes* e *Habitat* – já que, como apontado, foram essenciais ao desenvolvimento crítico nacional. Assim, enquanto a *Mirante das Artes* publica artigos interessantes que apontam os novos rumos da arquitetura nacional e internacional – principalmente nos artigos “Na América do Sul: após Le Corbusier, o que está acontecendo?” e “Ao ‘limite’ da casa popular” (Cajueiro Seco) –, como quem lança um leque de novas possibilidades aos arquitetos brasileiros diante do problema habitacional, ela parece ter uma participação tímida, menos ativa, se compararmos ao da *Habitat*, revista esta que, principalmente nos seus editoriais, desenvolve uma intensa troca informativa expressa por meio da chamada recorrente à participação de arquitetos e demais profissionais, com abertura ampla a opiniões e propostas diversas – cuja amplitude e abrangência expositiva se encontra na variedade de profissionais frente ao problema, que se constitui não só de arquitetos, como também de intelectuais, escritores, políticos, jornalistas, artistas, etc. – e a atualização constante das políticas governamentais e das instituições em relação às questões da habitação.

Porém, em defesa da postura tímida da *Mirante das Artes* frente à *Habitat*, vale ressaltar a diferença contextual de ambas, peremptória neste processo comparativo. As edições da revista *Habitat* em que são claras as posturas ativas, em que há confronto político em relação às ações governamentais de habitação, foram publicadas do início da década de 1960 até 1964, ou seja, até o momento anterior ao golpe militar. Ao passo que a *Mirante das Artes* tem sua formação num contexto político ditatorial já instaurado (1967-68), de censura intensa, permeando o ano em que seria institucionalizado o AI-5 (Ato institucional 5), em 1968 – mesmo ano em que a revista encerra sua produção.

Assim, ambas as revistas, cada uma ao seu modo e alcance – cujo engajamento varia de acordo com as “possibilidades” dadas pelo contexto político –, representam a importância dos periódicos especializados no processo de constituição crítica do desenvolvimento da arquitetura moderna e da habitação social no Brasil da década de 1960

– sendo este último o foco de estudo deste artigo. Suas análises comparativas de perspectivas e de conteúdos são testemunhas do momento histórico da década de 1960 – época responsável pelo desenvolvimento crítico da habitação social e parte constituinte do cenário urbano contemporâneo (principalmente de grandes cidades) – e ainda essenciais pelo levantamento de questões contemporâneas do problema habitacional: seja por meio de artigos que suscitem conceitos de mutabilidade, flexibilidade, efemeridade e adaptabilidade; seja por meio de posturas de abordagem da moradia social condizentes com a realidade nacional, como as de Cajueiro Seco – que levam a outras perspectivas não só sobre a habitação social mais quanto ao papel do arquiteto diante da produção arquitetônica –; e também por manter um posicionamento contrário às soluções imediatistas, superficiais e quantitativas para minorar o *déficit* de moradias por meio da construção apressada de casinhas isoladas em complexos urbanos, de conjuntos maciços de residências em áreas “escolhidas ao azar”, como se vê presente nos projetos e soluções governamentais atuais, imediatistas, de baixa qualidade e generalizados por todo território nacional, dos quais o “Minha casa, Minha vida” é o maior exemplo.

5. AGRADECIMENTOS

Agradeço à colaboração da minha orientadora, aos demais participantes do Núcleo de Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design, e das instituições pelas quais este trabalho seria impossível de ser realizado – FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais), CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARANTES, Pedro Fiori. *Arquitetura Nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre*. São Paulo: editora 34, 2002.

BARONE, Ana Cláudia Castilho. *Team 10: Arquitetura como crítica*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002

BO BARDI, Lina. *Na America do Sul: após Le Corbusier, o que está acontecendo?*, Mirante das Artes n. 1. São Paulo: jan.-fev. de 1967. pp.

_____. *Ao "limite" da casa popular*. Mirante das Artes n. 2. 1967, p. 20-23

BORSOI, Acácio Gil. *Cajueiro Seco*. In: BO BARDI, Lina. *Ao "limite" da casa popular*. Mirante das Artes n. 2. 1967, p. 20-23

CAPPELLO, Maria Beatriz Camargo. *Arquitetura em Revista: arquitetura moderna no Brasil e sua recepção nas revistas francesas, inglesas e italianas (1945-1960)*. Tese (Doutorado) FAU-USP, 2006.

_____. *Congresso Internacional de Críticos de Arte 1959. Difusão nas Revistas Internacionais e Nacionais Especializadas*. In: Roberto Segre; Renato Gama-Rosa Costa; Marlice Azevedo; Ines El-Jaick Andrade. (Org.). *Arquitetura+Arte+Cidade: um debate internacional*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2010, v. p. 287-304.

_____. *A revista Brasília na construção da Nova Capital: Brasília (1957-1962)*. *Risco* (Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo), v. 11, p. 43-57, 2010.

FERRAZ, Geraldo. *Habitação no Brasil*. Habitat n. 68, 1962, p. 2

_____. *Habitação, sempre, habitação*. Habitat n. 73, 1963, p. 12

FRAMPTON, Kenneth. *Modern Architecture: A Critical History*. London: Thames and Hudson. *História Crítica da Arquitectura Moderna*. Barcelona, Gustavo Gili, 3ª ed. Ampliada, 1987.

GIEDION, S. *Espaço, tempo e Arquitetura: o desenvolvimento de uma Nova Tradição*. São Paulo: Martins Fontes, 2004

HABITAT. São Paulo. (1950-1965):1-84

_____. *Habitação e Planejamento*. n. 61. São Paulo, 1960, p. 2

_____. *Habitação vs. Tugúrio*. n.64. São Paulo, 1961. p. 2

_____. *Habitação, subproduto da independência econômica*. n. 67, 1961, p. 1

_____. *Ainda e sempre o Problema Habitacional*. n.70. 1962. p. 2

JENCKS, CHARLES. *El lenguaje de la arquitectura posmoderna*. Barcelona : G. Gili, 1986.

LASSI, L. A.; CAPPELLO, M. B. C. *Arquitetura moderna no Brasil e sua difusão nas revistas de arquitetura brasileiras (1945-1970) - um enfoque ao acervo UFU*. Horizonte Científico (Uberlândia), v. 1, p. 313/11, 2009.

LE CORBUSIER. *A Carta de Atenas*. São Paulo: Hucitec:Edusp, 1993.

_____. *Por uma Arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

MIRANDA, C. L. *A crítica nas revistas de arquitetura nos anos 50: a expressão plástica e a síntese das artes*. Dissertação (Mestrado) EESC-USP, 1998.

MIRANTE DAS ARTES. 1967-68: 1-12.

MONTANER, Josep Maria. *A modernidade superada: arquitetura, arte e pensamento do século XX*. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

MUMFORD, Eric Paul. (2000). *The CIAM discourse on urbanism, 1928-1960*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2000.

NELSON, George. *Uma casa experimental da nossa era*. Habitat n. 60, 1960, p. 17-21,.

OTTO, Frei. *O significado da 'construção leve' em nossos dias*. Habitat n. 60, 1960 p. 40-42.

ROBERTO, Maurício. *Arquitetura, problema social*. Habitat n. 71, 1963, p.62-63.